



(In)Disciplina: Uma (Re)Construção

Rui Barreto da Silva¹; Raimundo Edilberto Moreira Lopes²

Resumo: A Indisciplina apresenta-se atualmente como um elemento importante dentro do espaço escolar, uma vez que toda a comunidade escolar, professores, alunos, pais e núcleo gestor percebem a sua presença, colocando-a, muitas vezes como um dos aspectos que dificulta o processo de ensino-aprendizagem. O objetivo geral da pesquisa é a busca de uma explicação sobre a construção da indisciplina que fuja do senso comum e se aproxime de uma explicação científica, uma vez que as discussões sobre o tema sempre remetem a opiniões diversas sem se chegar a um denominador comum. O trabalho foi realizado a partir da análise sobre a indisciplina em duas escolas de ensino fundamental do município de Banabuiú. Como instrumento de pesquisa, optou-se por um questionário em que, respondendo as questões norteadoras levantadas na pesquisa, constatou-se que os diferentes atores do espaço escolar ainda não conseguem entender de forma significativa a indisciplina, como uma construção. Compreendemos este trabalho como uma possibilidade e uma proposta de uma visão diferente sobre a (in)disciplina dentro da escola, e assim buscar redimensionar nossas ações. Sabemos dos limites e lacunas deste trabalho, por isso mesmo o colocamos em aberto às críticas e sugestões.

Palavras-Chave: Escola; Disciplina; Indisciplina; Construção; Tempo; Espaço; Aprendizagem.

In)Discipline: A (Re)Construction

Abstract: Indiscipline currently presents itself as an important element within the school space, since the entire school community, teachers, students, parents and management nucleus perceives its presence, often placing it as one of the aspects that hinder the teaching-learning process. The general objective of the research is to search for an explanation about the construction of indiscipline that deviates from common sense and comes closer to a scientific explanation, since discussions on the topic always refer to different opinions without reaching a common denominator. The work was carried out based on the analysis of indiscipline in two elementary schools in the municipality of Banabuiú. As a research instrument, we chose a questionnaire in which, answering the guiding questions raised in the research, it was found that the different actors in the school space still cannot understand indiscipline in a meaningful way, as a construction. We understand this work as a possibility and a proposal for a different view on (in)discipline within schools, and thus seek to resize our actions. We are aware of the limits and shortcomings of this work, which is why we leave it open to criticism and suggestions.

Keywords: School; Discipline; Indiscipline; Construction; Time; Space; Learning.

¹ Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará. Graduação em Matemática pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Especialização em Gestão Escolar pela Faculdade Kurios – FAK. Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos – PY. Professor visitante/tutor da Faculdade do Sertão Central. Professor da Escola Politécnica Philum e Professor do CEM CELESTINO DE SOUSA, Liceu de Banabuiú. Contato: cemcs.ce@ig.com.br;

² Mestre e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos-PY. Especialista em Química e Biologia pela Universidade Regional do Cariri -URCA Especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Estado de Santa Catarina -UDESC; Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú -UVA (2002); Graduado em Ciências pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Engenheiro Civil graduado pelo Centro Universitário Maurício de Nassau -UNINASSAU. Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Faculdade EDUCAMINAS. Professor efetivo da rede pública municipal e estadual. beto.ce@hotmail.com.

Introdução

As escolas brasileiras apresentam inúmeros fatores que contribuem para ineficiência do processo de ensino-aprendizagem. Dentre esses inúmeros fatores destacamos a (in)disciplina. Presente em muitas escolas, senão em todas, a (IN)disciplina é apontada por muitos profissionais da escola com um dos fatores que mais dificultam o processo de desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. Assim sendo é importante que cada vez mais trabalhos de pesquisa sejam desenvolvidos dentro das escolas, e que os resultados desses trabalhos possam ajudar efetivamente na superação deste problema. É pensando em contribuir para a superação deste problema que estamos propondo este trabalho de pesquisa na área da (in)disciplina nas escolas.

Para dar sustentação aos assuntos abordados nesta pesquisa, recorreu-se a vários autores, como J. S. Amado, Julio Groppa Aquino, Carlos Franco, Celso Antunes, Bernard Charlot, Celso Vasconcelos, Dermeval Saviani, Luiz Schettini Filho, Vasco Moretto, Paulo Freire, Vitor Henrique Paro.

Assim, com este trabalho, espera-se contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre a necessidade de uma reconstrução da disciplina escolar e um cuidado com as séries iniciais para que os erros não se repitam. Uma nova postura que precisa ser assumida por todos os profissionais envolvidos na escola, bem como a comunidade escolar.

Tal pesquisa reconhece a grande importância que a participação ativa da comunidade escolar traz para todos os indivíduos presentes na escola, desde o gestor até o aluno. No entanto é preciso mais do que reconhecimento dessa importância, já que a (in)disciplina envolve esses diferentes sujeitos dentro e até mesmo fora da escola, na comunidade escolar. A (in)disciplina precisa ser percebida por todos que compõem a escola e a comunidade na qual essa escola está situada como uma construção, somente a partir dessa percepção é que os diferentes atores escolares poderão contribuir de fato para uma efetiva desconstrução da indisciplina ou uma reconstrução da disciplina.

O trabalho pela reconstrução da disciplina deve partir desse princípio, onde os envolvidos tenham a consciência real de seu papel mediante os diversos desafios que a práxis educacional apresenta, para que possam buscarem juntos soluções concretas que amenizem os principais problemas de indisciplina encontrados nas escolas, como a indisciplina do tempo, a indisciplina do espaço e por conseguinte a indisciplina da aprendizagem.

No entanto, se faz necessário, perceber que a idéia de construção da (in)disciplina pedagógica ainda não está completamente entendida nas escolas abordadas, assim como nas escolas de maneira geral.

Justificativa

Numa Escola a disciplina deve estar sempre sendo reconstruída. Para a construção e reconstrução da disciplina todos os segmentos devem estar inteiramente comprometidos necessitando para isso conhecimentos sobre o tema que superem o senso comum aproximando o conhecimento teórico das práticas. Quando isso acontece as possibilidades de uma construção disciplinar em favor das aprendizagens aumentam. Para tanto é preciso em primeiro lugar um trabalho de conceituação de vários referenciais como, disciplina, indisciplina, aluno disciplinado, aluno indisciplinado, suas características, construção, desconstrução, reconstrução, para que a partir destes conceitos possamos estabelecer caminhos a trilhar.

Atualmente, não se concebe mais a busca da disciplina pelo medo ou pela força, no entanto não se trabalha também na busca da mesma seguindo estudos ou pesquisas na área. O que há é um grande número de opiniões, na maioria das vezes divergentes e antagônicas, baseadas apenas no achismo. Acreditamos que as opiniões e os conhecimentos sobre disciplina nas nossas escolas precisam ser estudados urgentemente, para que possamos achar respostas, mesmo que temporariamente, que levem-nos a novas atitudes e procedimentos profissionais.

Muitos relacionam a presença da indisciplina na escola a problemas trazidos das relações familiares, outros associam a falta de domínio dos pais na própria criação dos filhos, alguns colocam a culpa nos meios de comunicação, como a TV e a internet, há ainda quem generalize e diga que tudo é resultado do sistema. Pouco se fala sobre as responsabilidades ou contribuições dos atores escolares na construção da indisciplina, assim um aluno indisciplinado, geralmente, não é resultado das ações da escola.

O que causa a indisciplina? Quem ajuda a construí-la? Ou a reconstruí-la? Há relação entre indisciplina e ensino? Entre indisciplina e aprendizagem? Entre indisciplina e procedimentos didáticos?

Dessa forma, necessita-se refletir sobre todo esse emaranhado de fatos e estudar as redes de possibilidades, buscando o aprofundamento sobre o tema e a busca de respostas mais sólidas para a promoção de ações mais efetivas.

Espera-se poder contribuir significativamente para uma reflexão sobre a construção da (in)disciplina na escola e na comunidade, pois entendemos que ela interfere diretamente na construção das aprendizagens.

O Objetivo Geral do presente estudo foi refletir sobre a construção da indisciplina no espaço escolar, buscando detectar os principais aspectos desta construção, para torná-los pontos de partida para uma reconstrução da disciplina nas escolas públicas municipais de Banabuiú a partir de janeiro de 2010.

Para isso foi necessário: a) Analisar como se dá a (in)disciplina do tempo e do espaço nas escolas de ensino fundamental EEF IR Ruth Távora e EEF Cel Pergentino Ferreira, a primeira situada na zona urbana e a outra situada na zona rural do município de Banabuiú; b) Captar a percepção do núcleo gestor, dos professores, alunos e pais no processo de organização do tempo e espaço escolar.; c) Analisar a interferência da (in)disciplina do tempo e do espaço na (in)disciplina da aprendizagem, a partir da visão dos atores escolares; d) Analisar os diversos aspectos que norteiam a práxis educacional dos atores escolares que contribuem para essas construções; e) Analisar a percepção desses profissionais a respeito da prática educacional que desempenham.

Em busca da disciplina

Refletir sobre a construção da indisciplina no espaço escolar, é analisar os principais aspectos desta construção, para torná-los pontos de partida para uma reconstrução da disciplina, analisando como se dá a (in)disciplina do tempo e do espaço nas escolas de ensino fundamental EEF IR Ruth Távora e EEF Cel Pergentino Ferreira, a primeira situada na zona urbana e a outra situada na zona rural do município de Banabuiú.

Entretanto, para Vasconcelos,

[...] as questões indisciplinadas têm ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano escolar no país e a grande insatisfação decorrente dessas questões tem constituído em causa de abandono e de doenças, principalmente nervosas, do quadro do magistério. As reclamações dos professores, atualmente partindo até mesmo dos professores da pré-escola, é uma tendência que ainda não é generalizada, porém é preocupante e merece nossa reflexão e discussão, uma vez que é causa de repetência, evasão escolar e também constitui consequência de fracasso do planejamento inicial do professor e da escola, o que serve para reforçar a necessidade de aprofundar nessas questões; portanto, torna mais relevante a proposta desta pesquisa (VASCONCELOS, p. 227-252, 1997).

No entanto, ainda se pode fazer muito mais em relação a essa temática, segundo Antunes:

[...] A disciplina não pode, jamais, chegar ao aluno como uma ordem, um castigo, um imperativo que partindo do mais forte, dirige-se ao oprimido em nome de seu conforto pessoal, mas como produto de debate, reflexão, estudo de caso e análise onde se descobre a hierarquia dos povos disciplinados (ANTUNES, p.29, 2005).

Através da pesquisa percebe-se que existem diversos conceitos sobre (in)disciplina e, quando se analisam tais conceitos ver-se que eles emergem para um mesmo vértice, pois muitos concordam que a disciplina deve ser tratada como um valor.

Charlot (2005, p. 18) nos afirma que estamos “*em uma sociedade em que o indivíduo está se tornando cada vez mais livre e o sujeito cada vez mais abandonado*”. É claro que numa sociedade com essas características contradiz diretamente as missões específicas da escola. Não pode ser fácil o papel na escola da prevenção da indisciplina. Principalmente quando o que é ensinado não tem muita relação com a vida real do aluno.

É preciso passar da pedagogia da saliva para a pedagogia do trabalho: a criança só é indisciplinada quando o trabalho não faz sentido para ela. A disciplina só pode ser mantida através de uma tarefa coletiva de trabalho e relações humanas esperadas dentro de uma atividade, pela regulação cooperativa de alunos, passos primordiais para a autonomia com liberdade e responsabilidade (FREINET).

Para Carl Rogers, a indisciplina é um processo transitório, veja como ele diz que “... A indisciplina é transitória, uma etapa para a conquista da ordem, cabendo ao professor ser o organizador e facilitador.”

É importante perceber a disciplina como uma aprendizagem, uma construção. Poderíamos até beber em Paulo Freire quando diz:

[...] Ensinar não é transferência de conhecimentos e sim, “é construção”. O educador não pode esquecer que o aluno é um ser humano inacabado, e só a partir dessa visão que ele irá entender que o aluno precisa se desenvolver num ambiente de liberdade (FREIRE, p, 35, 1998b).

Antunes também tratou do conceito de disciplina, segundo o autor,

[...] A disciplina deve ser tratada como um valor, fazendo com que seja a mesma tratada como uma qualidade humana, imprescindível a convivência e fundamental para boas relações interpessoais. [...] esse diálogo não deve valer somente para sensibilizar a classe sobre o valor da disciplina, mas para formalizar o verdadeiro contrato que uni os interesses e exige reciprocidade (ANTUNES, p.29, 2000).

Para Freire, a própria prática educativa pode ajudar na parte disciplinar já que a mesma:

[...]deve desenvolver: um caráter formador, propiciar relações, treinar a experiência do ser social que pensa, se comunica, que tem sonhos que tem raiva e que ama. Baseado nessa filosofia, o educador deve dar a devida importância à parte social do aluno, porque é nela que ele vive sua realidade dia-a-dia, é nela que ele desenvolve seus instintos e é a partir dela que a indisciplina poder desabrochar (FREIRE, p. 46, 1996).

Entendemos também que a construção dos contratos, dos acordos, das próprias regras contribui para o avanço deste processo. Segundo La Taille,

[...] As crianças precisam aderir às regras (que implicam valores e formas de condutas) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo, o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo, o limite situacional, da consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola e a sociedade como um todo (LA TAILLE, p. 09, 1994).

E Aquino, completa:

[...] A escola e a família são as duas instituições responsáveis pela educação num sentido amplo. O processo educacional depende da articulação desses dois âmbitos institucionais. Um não substitui o outro, devem sim, complementar-se. Se tanto a família como a escola são as principais responsáveis pela formação da criança ou o adolescente, é preciso que haja coerência entre princípios e valores de uma e outra, evitando confrontos entre professores, alunos, família e escola, o que favoreceria a rebeldia e a indisciplina dos alunos (AQUINO, p. 47, 1996).

Violências, transgressão e indisciplina

A questão da violência na escola é colocada insistentemente hoje. Seja na mídia, seja nos próprios estabelecimentos escolares. Vemos diariamente notícias de homicídios, estupros, agressões com vários tipos de armas. Também agressões físicas e morais. Mas a violência não acontece apenas distante de nós. Ela também acontece próximo de nós, na nossa realidade, nas nossas escolas. A violência não é um fenômeno novo. No entanto ela tem assumido novas formas e tem sido resultados da ação de pessoas cada vez mais jovens. Não é difícil você encontrar exemplos de crianças e adolescentes de oito a treze anos que cometem atos violentos dos mais graves. A escola, nesse sentido, padece ante a essa violência originada principalmente fora dela. Como diz Charlot

“Os docentes e o pessoal administrativo da escola, nos bairros ‘sensíveis’, são às vezes, objetos de atos repetidos, mínimos, que não são violências em si mesmos, mas cuja acumulação produz um estado de ameaça permanente.”(Charlot, p. 17, 2005)

Há assim uma angústia social que leva a associar fenômenos de natureza muito diferente sob o nome de violência e violência escolar. Daí a necessidade de categorizar os fenômenos considerados como “violência na escola.” E por que as aspas no termo violência na escola. Exatamente porque uma das distinções necessárias é

“Distinguir a violência à escola, violência na escola e a violência da escola.”(Charlot, p. 19, 2005)

A escola encontra-se muito impotente face à violência à escola. Essa violência se apresenta de várias maneiras, que vão desde a pichação, depredação até difamação moral de sua qualidade e da qualidade de seus constituintes, no caso professores e núcleo gestor.

No que se refere à violência na escola e à violência da escola, a escola dispõe de um campo de ação muito vasto.

A violência na escola pode se fazer existir de várias maneiras. Seja nas brincadeiras entre colegas, através de apelidos, chacotas, *bullying*, alusão à alguma deficiência. Seja em confusões, brigas, agressões físicas. Seja na violência aos direitos dos alunos. Neste ponto pode-se até confundir-se na e da escola. A violência da escola pode caracterizar também de várias maneiras: na proteção aos *filhinhos de papais*, na proteção aos parentes de professores e funcionários, no preconceito com negros, pobres, homossexuais. Na apresentação de conteúdos que nada tem a ver com sua realidade e o aluno ter que “engolir de goela a baixo”, na obrigatoriedade de ficar quatro horas sentado numa carteira desconfortável depois de ter viajado quilômetros em um pau-de-arara e ainda ter voltar no mesmo transporte ao final da aula. No uso de metodologias ultrapassadas e repetitivas levam apenas à memorização e nada ajudam na aprendizagem verdadeira. Na falta de merenda escolar, no desrespeito ao cumprimento do tempo pedagógico. Na falta de respeito mútuo entre professor-aluno, aluno-gestor, gestor-professor, na mal remuneração dos professores e gestores.

Poderíamos citar ainda centenas exemplos da presença de violência da escola, mas entendemos que as que citamos já dá ideia do que estamos falando. Não estamos citando apenas por citar, mas entendermos que todas estas violências estão ao alcance da escola no sentido de

se buscar caminhos para minimizá-las e porque não dizer superá-las. Buscaremos em nossa pesquisa estar comprovando nossas falas, tanto através de nossas entrevistas como através de estudos dos vários teóricos que tratam do assunto.

Além da violência que destacamos até agora, há autores que fazem ainda outras distinções, como é o caso de Charlot (2005) que diz:

“Deve-se também distinguir a questão da violência a da transgressão. Sendo a indisciplina uma forma de transgressão. Tal distinção permite não misturar tudo em uma única categoria e também designa diferentes lugares e formas de tratamentos aos fenômenos.” (Charlot, p. 18, 2005)

Como podemos perceber, para Charlot, a indisciplina está mais voltada para a questão da transgressão às regras estabelecidas. A violência estaria relacionada à agressão de uma forma bem direta.

Talvez devamos tratar a questão do ponto de vista da legitimidade. Discordar do professor não é indisciplina. Indisciplina é transgredir as regras básicas da escola (regulamento) e recusar a própria missão da escola (ensinar/aprender). Só respeita a regra quem a considera legítima. Assim ficam levantadas as questões de saber qual o papel dos alunos na elaboração de regras e quais regras o docente e o diretor tem que respeitar. Charlot (2005) afirma;

“Se existem regras apenas para os alunos, não é uma situação de cidadania, vão tentar furar a regra.” (Charlot, p. 17, 2005)

Tentaremos ver no nosso trabalho essa questão da elaboração das regras, das construções dos contratos e principalmente do cumprimento dos mesmos. Quem ajuda? Quem participa? Como são aplicadas? Ou são impostas? Quem às cumpre? Quem não às cumpre? Como fica o papel da escola nesse sentido? Qual o papel do gestor na administração dessas situações? Como age o professor? Qual a participação da família e da comunidade? Onde fica o aluno nesta história toda? Que influência tem tudo isso na (re)construção da (in)disciplina na escola?

Metodologia

A metodologia determina a maneira como se determina o processo de estudo, através da metodologia apresentamos os métodos pelo qual a pesquisa passou ao longo do processo de

estudo. Enquanto disciplina normativa define a lógica e os princípios que direcionam a pesquisa científica.

Nesse trabalho utilizou-se de pesquisa de campo aplicando questionários com gestores, professores, pais de alunos e alunos sobre a presença da indisciplina na escola, quem são os principais responsáveis, o que leva os alunos a serem indisciplinados, quais as conseqüências, quem são as vítimas e as possibilidades de superação do problema.

Como metodologia, adotamos a pesquisa escrita para núcleo gestor, professores e alunos e a memória oral com os pais, recolhendo depoimento entre os principais atores escolares interessados na discussão do problema da indisciplina escolar, nas duas escolas selecionadas.

As análises de leituras complementam a reflexão e norteiam a sistematização da pesquisa. Assim, a pesquisa bibliográfica foi utilizada como suporte essencial para tal investigação.

Espera-se poder contribuir para desconstrução da indisciplina e reconstrução de uma disciplina há muito tempo afastada de nossas comunidades escolares.

Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa e do tipo etnográfica.

Segundo Gil (1996) as pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população, ou então, o estabelecimento de relações variáveis.

Assim, apresenta-se uma pesquisa descritiva, com aplicação de questionários para uma pesquisa cujo tema como tema “(In)Disciplina – Uma (Re)Construção”. procurando assim uma reflexão sobre a construção da indisciplina na escola, buscando perceber as principais causas, conseqüências e visões sobre o tema citado.

Pode-se também entender a pesquisa como qualitativa, uma vez que buscou-se analisar as respostas às perguntas dos questionários, averiguando as pertinências e divergências nas resoluções por parte dos membros do núcleo gestor, alguns professores e membros do Conselho Escolar nas duas escolas pesquisadas.

A pesquisa também é qualitativa, uma vez que não se pode traduzir numericamente as relações interpessoais estabelecidas cotidianamente no convívio escolar ou fora dele.

Esta pesquisa é qualitativa, porque buscou-se conhecer e compreender a posição da escola e da comunidade escolar frente ao problema da indisciplina e das buscas de propostas para a reconstrução da disciplina.

E por fim a pesquisa também é etnográfica, por baseia-se na observação direta do comportamento de alguns agentes em relação a determinado processo, no caso a presença intensa da indisciplina nos espaços escolares onde a pesquisa foi aplicada.

Esta pesquisa foi do tipo etnográfico, pois tratou-se de um assunto relevante no cotidiano escolar, uma vez que as escolas pesquisadas estão buscando respostas que ajudem a compreender o fenômeno da indisciplina e por conseguinte se apossar de instrumentais que ajudem a mudar o quadro atual.

Amostra

Esta pesquisa teve uma amostra simples e intencional, por meio de um questionário realizado com gestores – dois diretores e dois coordenadores pedagógicos, professores – três de cada escola pesquisada, pais de alunos – três de cada escola pesquisada e alunos – três de cada escola pesquisada.

Assim foram elaborados quatro questionários que continham basicamente as mesmas perguntas divergindo apenas no cabeçalho. Sendo o questionário A, voltado para os gestores, o questionário B, interessado aos professores, o questionário C, voltado aos pais de alunos e questionário D direcionado aos alunos.

As variáveis para os professores e gestores foram basicamente as seguintes: nível de formação; Tempo de trabalho na área da educação; - Nível de formação; - Tempo de trabalho na área da educação; - Tempo de trabalho na escola pesquisada; - Condição de trabalho.

No Caso dos alunos: - Nível de escolaridade e - Ano que cursa.

Outras questões: 1. Para você o que é indisciplina?; 2. Existe indisciplina na sua escola?; 3. Quais os tipos de indisciplina que existem na sua escola?; 4. O que gera a indisciplina na escola?; 5. Que elementos levam os alunos à serem indisciplinados?; 6. Quem são os principais responsáveis pela indisciplina na escola?; 7. Como é trabalhada na escola a (in)disciplina do tempo, do espaço e das aprendizagens na sua escola?; 8. Apenas os alunos são indisciplinados na escola?; 9. Quem são as maiores vítimas da indisciplina?; 10. Como a indisciplina pode ser superada nas escolas?

Operacionalidade

Primeiramente, chegou-se nas Escolas de Ensino Fundamental Cel Pergentino Ferreira, situada no Assentamento Boa Água e Ir Ruth Távora de Albuquerque, situada na Sede do município, a primeira localizada na zona rural e a segunda na zona urbana do município de Banabuiú. Nas escolas fez-se uma apresentação como sendo acadêmico do Curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar e Pedagógica da Faculdade Kurios - FAK. Logo, pediu-se autorização ao núcleo gestor para ser feita uma pesquisa que tem com tema “(In)Disciplina – Uma (Re)Construção”.

Utilizou-se como instrumento de trabalho um questionário contendo perguntas que nortearam esta pesquisa, sendo que os membros do núcleo gestor, professores, pais de alunos e alunos mostraram-se receptivos para respondê-lo, em ambas as escolas pesquisadas.

Resultados e Discussões

Verificando os dados obtidos no questionário, a constatação inicial é de que os segmentos entrevistados ora percebem razões convergentes, ora divergentes sobre a presença da indisciplina na escola, ficando claro nas falas que os alunos são indisciplinados, mas também há uma certa indisciplina em alguns aspectos do funcionamento da escola, como também a falta de um planejamento coletivo direcionado para a superação do problema.

Na análise dos questionários dividiram-se as respostas em categorias, entendendo que tal divisão propicia um melhor entendimento acerca da temática proposta. Assim, distribuíram-se as respostas:

Categoria A – O que é indisciplina

Esta categoria refere-se ao entendimento que os entrevistados têm sobre o que é indisciplina. A primeira reflexão que se teve foi na busca de conceituar a indisciplina e, buscar entender entre os entrevistados tal conceito para em seguida partirmos para uma análise mais firme e mais coerente.

Um dos conceitos sobre a temática nos é apresentado por Gotzens (2003, p. 22) quando afirma que:

A disciplina escolar não consiste em um receituário de propostas para enfrentar os problemas de comportamentos dos alunos, mas em um enfoque global da organização e da dinâmica do comportamento na escola e na sala de aula, coerente com os propósitos de ensino. [...] Para isso é preciso, sempre que possível, antecipar-se ao aparecimento de problemas e só em último caso reparar os que inevitavelmente tiverem surgidos, seja por causa da própria situação de ensino, seja por fatores alheios à dinâmica escolar. Gotzens (2003, p. 22)

Segundo Aquino (1998) “a disciplina escolar é um dos produtos ou efeitos do trabalho cotidiano de sala de aula.”

Para Curwin e Mendler (1983) a indisciplina - ou problema de disciplina como é denominado por eles - é definida como uma situação na qual as necessidades do grupo (no caso os colegas de sala de aula) e a autoridade (o professor) estão em conflito com as necessidades do indivíduo (o aluno) que faz parte desse grupo, ou seja, é quando uma pessoa se comporta de um modo que satisfaz as suas necessidades e essa conduta impede que o grupo satisfaça as suas. Os autores também colocam que os problemas de disciplina não se produzem no vazio, ao contrário, eles fazem parte de um sistema social em sua totalidade.

Já Garcia (1999; 2002) define indisciplina como negação, divergência ou não reprodução, por parte dos alunos, em relação às orientações, expectativas ou oportunidades que a escola apresenta, através de condutas, relacionamentos, modos de socialização, atitudes e desenvolvimento cognitivo demonstrados por eles.

Um outro conceito por nós encontrado em nossas leituras durante a pesquisa e que embasou essa pesquisa foi definido por (AMADO,1999). O autor nos informa:

A indisciplina escolar enquanto um fenômeno interativo que ocorre no contexto de sala de aula, sendo ele em grande parte, resultante das características específicas desse contexto, isto é, ela é vista como um fenômeno que decorre da própria natureza e complexidade do processo de ensino. (Amado, p. 114, 1999)

Embasou-se nesses conceitos para a busca do entendimento e da reflexão sobre a indisciplina e, nos diálogos que antecederiam ou precediam a resolução dos questionários debateu-se sobre presença da indisciplina na escola em consonância com o conceito apresentado pelo autor.

Para um dos gestores, a indisciplina “é o descumprimento das regras pelos segmentos que constituem a escola, desde o gestor, passando pelos professores e alunos e chegando até os auxiliares.”

Já na opinião de um professor, a indisciplina “é o mal comportamento dos alunos, o descumprimento das regras pelos mesmos”. Segundo os professores os alunos conversam muito, não tem atenção às aulas, não ligam pra entrar na hora que toca a sineta.

Segundo um dos pais de alunos “indisciplina é os alunos desobedientes e professores sem domínio de sala.” Outros pais acham que “é o descumprimento das regras.” E alguns dizer que a indisciplina é “muita brincadeira dos alunos, muita conversa, muita danação.”

Para os alunos o que acontece “na maioria das vezes são apenas brincadeiras.” Eles entendem que indisciplina é “conversar demais, não fazer as atividades que o professor passa, desobedecer ao professor, não fazer o que ele manda, mas isso acontece pouco.” Eles dizem que “coisa mais séria como ser ignorante ou gritar com professores e diretores quase não acontece.”

Podemos perceber quatro pontos de vistas próximos mais diferentes dados por três agentes envolvidos no cotidiano escolar, no entanto as opiniões estão em consonância embora percebamos que fica a desejar o debate acerca da temática.

O que se percebe é existe uma preocupação dos vários segmentos com o tema, embora não haja um estudo mais científico sobre o mesmo, sendo que os gestores devem proporcionar momentos de estudos para o aprofundamento da questão, a fim de buscar uma conceituação dialética da indisciplina a partir das visões de cada segmento e dos estudos feitos.

Assim a escola deve conhecer a sua realidade, mas também as idéias e teorias dos pensadores para que essa síntese possa contribuir com desconstrução da indisciplina e reconstrução da disciplina. Isso precisa tornar-se concreto, como concreto é a indisciplina hoje em nossas escolas conforme afirma Amado:

A concretização da indisciplina acontece através da falta de cumprimento das regras que estabelecem, orientam e presidem as condições das atividades em aula, além do desrespeito às normas e valores que fundamentam o convívio entre os colegas e na relação com o professor enquanto pessoa e autoridade. (AMADO, p. 121, 1999)

Quanto mais conhecimentos tiverem os segmentos escolares, maior possibilidade de se avançar na busca por um melhor espaço de aprendizagens e convivências.

Categoria B – Elementos que contribuem para a construção da indisciplina na escola

Esta categoria refere-se ao entendimento que os entrevistados têm das principais causas da indisciplina na escola. Na discussão sobre a presença da indisciplina nas escolas um aspecto

muito importante a se considerar são os elementos que contribuem para a construção da mesma. Para Carl Rogers (1961, p.201), “A indisciplina tem origem na ausência e indefinição de valores”.

O que mais se ouve nas escolas é que os alunos: “não querem nada com nada”, “não têm noção do que querem do futuro”, “as famílias não estão interessadas em acompanhar o desenvolvimento de seus filhos”, “os valores morais foram perdidos”, “a escola passou a desempenhar papéis que não são dela”, enfim, toda uma gama de reclamações que na maioria das vezes, só se referem ao aluno como protagonista dessa indisciplina e por conseqüência do seu fracasso escolar.

Para o gestor “a indisciplina é causado por muitos fatores, falta de limites dos pais, pouca determinação dos professores para fazer acontecer durante o ano todo os ‘códigos de convivência’, limitação dos professores no que se refere a procedimentos metodológicos atraentes, o descompromisso dos alunos com a escola e com a aprendizagem”. Um outro gestor afirma que “é estranho que uma determinada turma apresente-se indisciplinada com determinado professor e sem muitos problemas com um outro.” Ele acredita que “o domínio e a segurança no trabalho com os conteúdos também ajudam a construir a indisciplina. Isso se confirma até na fala de alguns autores como FRANCO (1986):

A disciplina está indissolúvelmente ligada ao processo de transmissão e assimilação dos conhecimentos elaborados historicamente pelo homem. Deixa, assim de ser alguma coisa que diz respeito somente ao aluno, para transformar-se em preocupação permanente da comunidade escolar, em uma exigência da escola. (FRANCO, 1986, p. 63)

Em relação aos professores vejamos o que eles relataram. Um professor entende que “algumas vezes nós também somos indisciplinados com o tempo pedagógico, mas isso não influencia na indisciplina dos alunos.” Poucos professores afirmaram manter uma disciplina na organização do espaço da sala de aula, eles disseram “deixo os alunos à vontade, eles mesmos definem onde vão sentar.” Houve também respostas que relacionaram a indisciplina à falta de limites dos pais com seus filhos. Um professor relatou sobre uma conversa com um pai de aluno quando este havia afirmado não saber mais o que fazer com um filho de nove anos que não mais lhe atendia. “os meninos hoje são muito danados, não temos mais domínio.” Outro disse que “a escola hoje é muito liberal, no meu tempo não era assim. Acho que a escola poderia fazer mais.” Segundo Santos(2006)

A origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar. (Santos, p. 13, 2006)

Quando nos remetemos à fala dos pais percebemos nas mesmas um discurso defensor de que a indisciplina é “coisa dos tempos de hoje, os meninos são mais danados, a televisão incentiva, não há mais limites, a escola é muito liberal”, ou seja, fica claro nessa fala a ideia de acaso, tempo(época), imutabilidade. Aliás tem pais que dizem o seguinte “não tem jeito não, e acredito que vai é piorar!”. Percebe-se também na fala dos pais a ideia de que a indisciplina seria um fenômeno fora do nosso alcance, fora de nossos domínios, de certa forma isentando-os de suas responsabilidades. Eles falam como se não pudessem contribuir para a mudança. É tanto que sempre colocam a culpa no “tempo de hoje”, “na escola”, “na televisão que incentiva”. Fica claro isso no momento em que eles não incluem a família nos aspectos que contribuem para a construção da indisciplina.

Quando perguntamos aos alunos sobre fatores que contribuem com a indisciplina deles na escola, em um primeiro momento eles dizem “nós não somos indisciplinados”, mas na continuidade da conversa e no preenchimento dos questionários eles começam a falar:

“ah! A professora entra sempre atrasada, quando ela chega a gente já tá na (no clima de) brincadeira, aí a coisa continua.”

“O professor (...) não tem moral, quero ver brincar na aula da tia (...).”

“É tudo bagunçado, não é só a gente, não tem horário certo de entrar, a gente senta onde quer, não tem fila, nem círculo.”

“A Tia (...) é muito carinhosa com a gente, acho que isso ajuda ela a controlar a sala, tem gente que só sabe gritar.”

Podemos perceber nas falas dos alunos apresentadas acima a presença de vários fatores que ajudam a construir a indisciplina. Os alunos fazem referência a falta de disciplina em alguns aspectos da escola como a questão do respeito ao tempo pedagógico, a organização espacial da sala de aula, ao domínio de sala ou falta de domínio por parte alguns professores. Quanto a isso ANTUNES(2005) nos revela que:

(...)Existe uma disciplina em relação ao tempo; cumprir-se horários, acatar-se prazos, planejar o tempo para as ações, discutir cronogramas. (...) Existe também uma outra entre disciplina e espaço: respeitar lugares, saber guardar, retirar coisas, devolvê-las de onde apanhou, ocupar lugares definidos, manter-se a ordem dos mesmos (p.32).

Percebemos que um dos alunos faz referência a questão afetiva, ao carinho como um elemento que estaria ligado a questão da disciplina ou indisciplina. Veja o que diz FILHO (2005):

A virtude do educador que ensina o limite, possibilita e sugere a disciplina, está em fazê-lo, amorosamente, mesmo conhecendo as dificuldades, as limitações e a resistência do seu aluno. (...) Limite e disciplina transitam no caminho do afeto e da liberdade. (p. 21)

É imprescindível perceber a importância deste trecho da pesquisa, tanto através dos diálogos como dos questionários para mergulharmos nas diversidades de visões dos diferentes segmentos constituintes das escolas a partir dos quais, em um momento posterior, traçaremos nossas conclusões.

Categoria C – Como é trabalhada a questão da disciplina na escola

Refere-se a compreensão dos entrevistados sobre como a escola planeja e executa ações relacionadas a disciplina e a superação da indisciplina.

Nesta categoria apresentamos as respostas dadas por nossos entrevistados às questões relacionadas ao trabalho que é feito nas escolas para a (re)construção e/ou manutenção da disciplina, atividades preventivas ou ainda propostas de trabalho para desconstrução da indisciplina.

Neste aspecto as respostas foram bastante semelhantes, beirando a unanimidade. O gestor afirmou que “Não temos um plano ou um projeto específico para atacar esse problema, discutimos o assunto nas reuniões de planejamento, e nas reuniões bimestrais com os pais.” Ainda lendo os questionários dos gestores encontramos suas falas dizendo que “quando acontece algo mais sério convocamos os pais dos alunos envolvidos e às vezes o conselho tutelar.” É possível identificar, na verdade, mais ações punitivas que mesmo preventivas já que, segundo o gestor, “procuramos cumprir o que reza o Regimento Interno da escola, advertência verbal, depois escrita seguida de suspensão e em último caso, transferência, embora esse último estágio nunca tenha acontecido em nossa escola.”

Na conversa com os professores o disposto acima é apenas confirmado visto que eles disseram:

“Não conheço nenhum trabalho de prevenção, às vezes é discutido nos planejamentos. Algumas vezes é falado nas reuniões de pais.”

“Não. Nossa escola não tem nenhum projeto que busque prevenir a disciplina ou conter a indisciplina. E nós temos muita (indisciplina) em nossa escola.”

“Não. Na verdade, o que é feito é que quando eles aprontam, os pais são chamados. Aí tem reunião, são feitos acordos. Tudo fica registrado em ata.”

“Não. Acho que aqui ninguém tinha parado ainda pra pensar nessa questão de disciplina de tempo, de espaço. Deve ser legal isso.”

Quanto aos pais eles disseram que só conheciam a questão quando eram chamados para as reuniões de pais, onde o assunto sempre era discutido. Eles afirmaram:

“Sempre é discutido sobre a danação dos meninos nas reuniões de pais. Os professores sempre pedem ajuda.”

“Na última reunião o Diretor pediu pra família ajudar. Ele disse que era importante.”

“Meus filhos nunca aprontaram não. Mas conheço colegas que foram chamadas na escola por causa das confusões dos filhos. Escuto falar que tem uns alunos que são muito danados.”

“A nossa diretora fala muito em projeto. A escola tem vários. Mas não conheço nenhum sobre disciplina não.”

Fica bastante claro nos depoimentos de todos os segmentos a ausência de ações que trabalhe as várias disciplinas nas escolas. Alguns autores acreditam que esse trabalho de prevenção é de muita importância. Garcia (2002) aponta para o que ele denomina como ausência da gestão da indisciplina na escola, que gera alguns sintomas decorrentes da mesma. Um deles refere-se à ausência de visão compartilhada na escola sobre as expressões de indisciplina. Essa ausência traz consequências negativas, pois uma visão compartilhada norteia tanto o entendimento como as ações dos educadores, sejam elas individuais ou conjuntas, no que diz respeito às possíveis expressões de indisciplina.

No mesmo documento Garcia afirma

Um outro sintoma decorrente da ausência de gestão refere-se à inversão de prioridades. De acordo com aquele autor, é possível observar nas escolas a hegemonia de uma cultura intervencionista, pois os professores, de uma forma geral, estão mais atentos à questão da intervenção disciplinar do que aos procedimentos preventivos, sendo que há a necessidade de focar mais as “práticas voltadas ao desenvolvimento de propensão para a disciplina que à contenção da indisciplina” (GARCIA, 2002, p. 378).

Conclui-se então que as escolas precisam desenvolver políticas internas para lidar de forma preventiva com a indisciplina, havendo também a necessidade de programas de formação

de professores em serviço voltados para a discussão de problemas vivenciados nas rotinas das escolas, para a idealização de soluções e para sua implementação. A disciplina poderia inclusive ser tratada na escola como um valor e não apenas como o oposto de indisciplina.

Para Franco (1986, p. 62-63) o professor só se refere aos alunos quando menciona os problemas da disciplina na escola. No entanto, a disciplina diz respeito a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem: direção, alunos, professores, pedagogos, funcionários e pais. Daí a necessidade “da observância de certas ordens, de certa sistematização, de certas normas de conduta, de certa organização. Isto porque o trabalho pedagógico não é um processo natural, espontâneo e tampouco ocasional.”

Categoria D – Como a indisciplina pode ser superada pelas escolas

Refere-se à sugestão dos entrevistados para superação da indisciplina na escola e conseqüente reconstrução da disciplina nas mesmas.

Neste aspecto ficou muito clara a falta de norteamento das escolas em relação ao problema de indisciplina. Os próprios entrevistados relataram em seus depoimentos que se utilizavam muito do “achismos”, “eu acho que...”, um gestor mencionou o “senso comum”. Segundo a mesmo “essa pesquisa nos despertou para a necessidade e importância de buscarmos estudar outras pesquisas e estudos para, quem sabe, tratarmos melhor essa questão”. Ficou claro que até então, para os gestores entrevistados, o principal caminho é a aproximação da escola com a família. Percebe-se durante este trabalho de leitura e discussão das entrevistas que a família é o tempo todo muito responsabilizada, não só pela questão da indisciplina, mas por toda uma gama de fatores negativos dos alunos. É como se a escola buscasse com isso se eximir de suas responsabilidades. Disse um gestor “A família não ajuda.”, “A família está desestruturada.” “A família não impõe mais limites.” Mesmo aceitando que tudo isso seja verdade, mas não é papel da escola aproximar a família do espaço escolar?

Um gestor também fez referência aos professores, segundo ele “os professores poderiam fazer mais. Como se explica que uma mesma turma seja, ao mesmo tempo, disciplinada e indisciplina dependendo de qual professor esteja em sala?”

Quando perguntado sobre como a disciplina pode ser superada nas escolas, os professores nos apresentaram uma boa diversidade de respostas. Começando pela presença da família, passando pela imposição de regras mais rígidas e até o relacionamento afetivo. Vejamos:

“Acho que a família precisa ajudar mais!”

“A escola precisa ter como papel importante, aproximar as famílias.”

“Na minha opinião precisamos impor regras mais rígidas!”

“Precisamos cumprir as regras, o ano todo. Não apenas começar e depois dar mole.”

Sobre as regras fala Antunes, (2002):

Ensinar não é fácil e educar é mais difícil ainda; mas não ensina e não educa, quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e, do que não é permitido. Para o autor, o aluno só cresce se tiver diante de um desafio, isso deve ocorrer diariamente, desde que os limites estejam e sejam claros. As escolas precisam estabelecer regras de fatos mais rigorosas, caso contrários os alunos vão continuar fazendo o que bem entenderem e os professores continuarão sem poder fazer muita coisa (p. 54)

Ainda sobre a fala dos professores temos:

“Eu acho que o que atrapalha também, às vezes, são alguns colegas que usam dois pesos e duas medidas. Não pode. Temos que pregar e POR EM PRÁTICA a justiça.”

“Outro dia o diretor disse pra gente que nós temos que ser disciplinados também, isso me fez refletir. Às vezes somos displicentes e aí como cobrar disciplina?”

“Temos que dar exemplo de disciplina.”

“Acho o primeiro dia de aula fundamental para a disciplina. É ali que fazemos nossos acordos. Nossos contratos. E devemos cumpri-los o ano todo. Não podemos relaxar. Isso ajuda muito. Nunca tive muitos problemas.”

Segundo Antunes(2006) o exercício consensual de regras é que torna possível a sobrevivência de uma sociedade, o bom namoro e um casamento com a conseqüente educação dos filhos. Atribua-se o que se queira atribuir, mas quando o namoro azeda, os filhos colocam os pais de castigo ou os sócios se degladiam, houve em verdade quebras de regras e, dessa forma, a violação de um contrato. (...) mas se bem o seguem, melhor vivem.

Continuando com os depoimentos temos:

“Acho que ajuda muito deixar muito claro a nossa disposição para a amizade, o companheirismo, a relação afetiva. Às vezes, muitas vezes, eles (os alunos) são carentes de muitas coisas, incluindo carinho e atenção.”

Quanto a questão afetiva Filho (2005, p.22) diz:

É preciso que incorporemos a ideia de que não existe mais amor no sim do que no não. Dizer não, o que significa, em geral, limitar certas ações, não representa a ausência do amor. Muitas vezes, o sim, carregado de permissividade, carrega também o germe invisível do desamor. O aluno precisa muito mais de expressões de afeto do

que de pressões pedagógicas. Saber dizer sim e saber dizer não é o grande desafio do educador.

Podemos perceber o quanto os professores sabem sobre como superar a indisciplina na escola. Então porque não acontece? Neste sentido, Vasconcelos(...), relata que, a maioria dos professores sabe o que devem fazer. Mas não fazem, devido:

- *Não acredita mais profundamente, não está convencido: (da proposta em si - não tem segurança de que seja o caminho correto; da eficácia da proposta - acha que talvez seja muito pouco em relação ao tamanho do problema, que não vai resolver.*
- *Não sabe como fazer; uma coisa é ter ouvido falar, outra é ter competência para colocar aquilo em prática.*
- *Não vê condições para fazer. (seja efetiva, fruto de uma análise mais criteriosa da realidade; seja fruto de sua percepção, sem muita base o real)*

A pergunta relacionada à como a indisciplina pode ser superada nas escolas também foi direcionada aos pais. E eles deixaram muito claro em suas respostas não saber como ajudar às escolas.

“ah! Como as escolas podem acabar com isso? Eu não sei. Eles (professores) estudam muito. Devem estudar sobre isso também.”

“Não sei o que as escolas podem fazer. Mas sempre digo à diretora que pode pegar pesado com meus filhos.”

“Acho que é uma questão da escola resolver. De botar moral nos meninos danados.”

“Sei não. Essa eu não sei.”

A partir dessas respostas percebe-se que a escola tem de tomar frente ao problema, já que os pais sentem-se incapazes de ajudar. Não que sejam. Mas talvez não foram chamados para estudar e discutir sobre tal tema.

Quanto aos alunos, estes apresentaram algumas situações importantes. Veja a fala de alguns deles:

“Ah! Não sei bem. Acho que aulas mais movimentadas ajudaria. Às vezes temos que passar duas aulas (90 min) sentadas o tempo todo. É ruim.”

“Às vezes brinco na aula. Mas também viajo mais ou menos uma hora em um caminhão pau-de-arara e aí ficar a tarde toda sentado, é ruim hein!”

“Na minha turma tem uns colegas que bagunçam muito, não atende a professora. Mas dizem que ele é do mesmo jeito em casa. Talvez a família possa ajudar.”

“Acho que não tem jeito. Não muda. Sempre vai ter a turma da bagunça. Já vi até professores em cursos brincando também. Aluno é aluno.”

“Sabe outro dia a professora de história tava falando que as coisas sempre mudam. Ela disse que umas coisas mudam rápido outras bem devagar. Sei lá. De repente isso muda também. Só não sei como.”

Analisando as respostas dos alunos podemos destacar alguns aspectos citados. Veja que um aluno sugere aulas mais “movimentadas”, ou seja, esse aluno está cobrando que as aulas possam ser mais dinâmicas. Devemos considerar também que um aluno viaja cerca de trinta a sessenta minutos no transporte escolar de péssima qualidade, chega a ser uma violência querer que ele passe quatro horas, sentadinho. Comportado. Vimos também que um aluno refere-se a família de alunos que se comportam mal, idéia que se conjuga com de alguns professores entrevistados neste trabalho. É fato. Precisa-se do apoio da família nessa batalha. E o aluno que viu o professor no curso. É verdade. Basta qualquer pessoa sentar numa cadeira na situação de aluno e já viu. É aluno de novo. Mais a grande lição mesmo foi o ultimo depoimento que registrei. A possibilidade de mudança. Isso é muito importante. É preciso perceber que a indisciplina é construída, para que possamos trabalhar no sentido de desconstruí-la. E de reconstruir a disciplina.

Entendemos que essa Linha de pensamento pode ser completada com o pensamento de Antunes (2005, p.26)

Quando os professores de uma unidade escolar se sentam com seus alunos e desconstroem e sabem reconstruir a plenitude da significação e dos tipos de disciplina, não apenas a aula corre mais facilmente e a aprendizagem se concretiza de maneira mais saborosa como estudantes e mestres descobrem que, reconhecendo a disciplina como ferramenta essencial às relações interpessoais, aprendem autonomia, exercitam a firmeza e conseguem, com mais dignidade, construir o caráter.

Por fim, a escola tem que dar condições aos professores para que estes possam assumir atitudes de controle na sala de aula, eles precisam saber que de fato têm poderes nas mãos, o importante é saber como e quando usar.

Conclusão

Estamos chegando ao final de nosso trabalho. De nossa pesquisa. E podemos estabelecer algumas conclusões considerando as categorias de análise aqui discutidas.

A primeira a nos referirmos nesta fase final de análise é a mudança. Percebemos ao longo do trabalho e mais precisamente na fala de um aluno no capítulo anterior que “as coisas sempre mudam. Ela disse que umas coisas mudam rápido outras bem devagar.” Isso é importante por demais pois deve retirar da mente da escola através da mente de seus segmentos constituintes a ideia de imutabilidade que ficou visível em alguns momentos da pesquisa. As coisas mudam. Mudam se fizermos diferente. Como diz Hunter (2004), *insanidade é fazer sempre as mesmas coisas e esperar resultados diferentes*.

Outra categoria que gostaríamos de destacar é a percepção de que tanto a disciplina como a indisciplina são resultado de uma construção das ações e posturas da própria escola, considerando o comportamento dos gestores, professores, alunos e pais de alunos. Mas não percebemos em todas falas dos segmentos essa consciência. Isso é preocupante, já que ficou explícito algumas vezes a ideia de acaso.

Uma categoria que beirou a unanimidade foi a relação família-escola. Todos os segmentos destacaram a importância e a necessidade de aproximá-las cada vez mais. Tanto para que as relações familiares possam caminhar para um crescimento conjunto de todos os seus membros como pela importância de se ter os pais fazendo um acompanhamento bem próximo, e valorizando a aprendizagem de seus filhos. Na família, na escola e na vida a busca de manutenção de valores é primordial. Isso tem se perdido ao longo do tempo. Em um tempo de rebuscar os valores, é desafio unânime fazer da disciplina, na escola e na vida, um valor. É preciso tratá-la como tal. Construí-la como tal.

Na busca dessa construção é entramos na discussão de alguns tipos de disciplina. A disciplina do tempo, do espaço e das aprendizagens.

Ao lermos as entrevistas e ao utilizarmos os referenciais teóricos podemos perceber a cobrança e importância da construção, desde as séries iniciais, da disciplina do tempo. É preciso disciplinar o tempo pedagógico. Tempo de entrar em sala, de sair. Tempo de aula, tempo de intervalo. Como disse um professor “algumas vezes nós também somos indisciplinados com o tempo pedagógico, mas isso não influencia na indisciplina dos alunos.” É preciso buscar essa disciplina, os nossos exemplos são ótimos professores. Hunter (2004) diz: *“O que você é grita tão alto que não consigo escutar o que você diz.”*

A organização dos espaços escolares ou a desorganização destas também foram citadas como aspectos que ajudam na construção da indisciplina. Professores que não organizam os

espaços, não impõem limites, não fazem acordos sobre isso, acabam contribuindo com a presença contínua da indisciplina.

A disciplina do tempo e do espaço deságua em uma terceira dimensão que é a disciplina das aprendizagens. Se não há disciplina do tempo e do espaço, fica complicado acontecer a disciplina das aprendizagens. Falando em aprendizagem, também foi cobrado e proposto pelos alunos aulas mais atrativas, mais animadas. Segundo os mesmos, quando as aulas são diferenciadas os professores não reclamam das conversas ou brincadeiras.

Professores e alunos defenderam que, a afetividade, a amizade, o amor e o carinho, ajudam a construir um ambiente de camaradagem, de respeito mútuo, de respeito as regras e acordos estabelecidos entre todos os atores da escola: gestores, professores, alunos e pais de alunos.

Só uma grande parceria entre esses, será capaz de minimizar a indisciplina nas escolas públicas. Além de incentivar a prática do diálogo, abre espaço para maior interação e respeito.

Referências

AMADO, J. S. **Indisciplina na aula:** regras, tarefas e relação pedagógica. Psicologia, educação e cultura, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 53-72, 1999.

AMADO, J. S. **Indisciplina na sala de aula:** algumas variáveis de contexto. Revista Portuguesa de Pedagogia, Coimbra, v. 25, n. 1, p. 133-148, 1991.

ANTUNES, C. **Professor bonzinho= aluno difícil:** a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

ANTUNES, C. **É tudo uma questão de contrato.** Recife, PE: Ed. Sapiens, 2005.

AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996a.

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual.** Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, n.2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 Nov 2007.

CHARLOT, B. **O papel da escola na prevenção e intervenção da indisciplina e violência em uma sociedade como a de hoje.** Recife, PE: Ed. Sapiens, 2005.

CURWIN, R. L.; MENDLER, A. N. **La disciplina en clase:** guía para la organización de la escuela y el aula. Madrid: Narcea, 1983.

DE LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

FILHO, Luiz Schettini. **Limites e Disciplina numa dimensão afetiva**. Recife, PE: Ed. Sapiens, 2005.

FRANCO, Francisco Carlos. **A indisciplina na escola e a coordenação pedagógica**. In: O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FRANCO, Luiz Antonio Carvalho. **A disciplina na escola**. Revista Ande. São Paulo,

FREIRE, P. **Pedagogia de esperança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998b

GARCIA, J. Indisciplina na escola. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GOTIZENS, C. **A disciplina escolar: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PARO, Vitor Henrique. **A gestão da educação ante as exigências de qualidade e produtividade da escola pública**. Disponível em: http://www.escoladegestores.nep.gov.br/downloads/artigos/gestao_da_educacao/a_gestao_da_educacao_vitor_Paro.pdf

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 38. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo: vol. 5).
SP, p. 62-67, 1986.

SANTOS, Claudevone Ferreira dos, **a indisciplina no cotidiano escolar**. disponível em http://www.google.com.br/search?source=ig&hl=pt-BR&rlz=&=&q=Claudevone+Ferreira+dos+Santos*&btnG=Pesquisa+Google&aq=f&aqi=&aql=&oq=&gs_rfai=

VASCONCELLOS, C. dos S. **(In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 1993

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Rui Barreto da; LOPES, Raimundo Edilberto Moreira. (In)Disciplina: Uma (Re)Construção. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2024, vol.18, n.70, p. 181-204, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 15/01/2024; Aceito 22/02/2024; Publicado em: 29/02/2024.